

O CONCEITO DE FICÇÃO NA FILOSOFIA DE HANS VAIHINGER

Egle Pereira da Silva (UERJ)
eglesilva@hotmail.com

RESUMO

Publicado em 1911, embora escrito no século anterior, *A Filosofia* do alemão Hans Vaihinger (1852-1933) do como se lançam as bases de um estudo que será, nas palavras de Johannes Kretschmer, “o primeiro estudo sistemático da ficção na cultura alemã”. Na referida obra, a ficção é entendida como criação consciente, artifício útil, prático e necessário a serviço de determinada finalidade. Com isso, Vaihinger, seguindo os passos de Schopenhauer, está afirmando que, originalmente, o pensamento é um meio para um fim específico: o da vontade. Mas não a vontade de verdade, e sim, neste ponto próximo de Nietzsche, a vontade de aparência, ilusão, engano, dever e mudança, o mesmo que dizer, na linguagem de Vaihinger, “vontade de vida”. Ou seja, a ficção não deve ser mais lamentada, negada e combatida; ao contrário, ela é valiosa, positiva e intencionalmente operada, e não se limita à literatura: as ciências, em especial, as exatas, trabalham com ela para descrever o real. Exposto isto, delinea-se o ponto principal da palestra, apresentar o conceito de ficção, na perspectiva de Hans Vaihinger: menos um obstáculo para a razão do que artifício produtivo, indispensável, não só para a literatura, mas também, e principalmente, para a ciência alcançar os seus fins.

Palavras-chave: Ficção. Filosofia. Hans Vaihinger. Teoria literária.

Johannes Hans Vaihinger, filósofo alemão, nasceu em 25 de setembro 1852 e faleceu em 17 de dezembro de 1933, um ano depois de sua designação para o célebre *Festschrift*, livro ou qualquer outro tipo de publicação que homenageia pessoa de crédito e prestígio, geralmente pesquisador, e concedido por ocasião de aposentadoria ou quando o mesmo completa certo tempo de carreira, trinta anos ou mais. Nasceu em família abastada e profundamente religiosa, num ambiente não exatamente beato, mas de visão estreita. Como ele lembra em “Como Nasceu a filosofia do Como Se”, “só com muito temor se pronunciavam os nomes do teólogo hegeliano liberal Baur, de Tübingen, o “Baur dos pagãos”, e de seu discípulo David Friedrich Strauss” (VAIHINGER, 2011, p. 671). A este último, seu pai, pastor, descendente dos Duque de Vaihinger, e autor de diversos textos teológicos, dedicou livro crítico. Outro parente seu, também chamado Johannes Vaihinger, foi professor e reitor da Universidade de Heidelberg. Sua mãe pertencia à família tradicional

da Suábia¹⁶⁰, sul da Alemanha, os Haug. Balthasar Haug, bisavô de Vaihinger, por exemplo, foi professor de Schiller, e seu filho, Friedrich Haug, amigo deste.

Aos dozes anos, Hans Vaihinger, inicia estudos de latim, com Sauer, no ginásio de Stuttgart, por onde passaram Kepler, no século XVII, e Schelling, no XVIII. Sobre seu mestre dizia, “excelente professor e educador”, “uma das figuras mais prestigiadas do ginásio de Stuttgart” (VAIHINGER, 2011, p. 671).

Ainda segundo Vaihinger, ele era seu aluno preferido. O admirado professor despertou no jovem pupilo sua ideia do *valor ético do mito*, ou seja, a percepção de que ele é também investigação e reflexão dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano.

Herder e suas *Ideias sobre a história da humanidade* também serão influências bastante significativas deste período escolar. Nesta obra, Vaihinger encontra o que chamará de “um dos pilares mais importantes da [sua] formação intelectual” (*Idem ibidem*, 672), i.e., o amor à natureza, a evolução do espírito a partir dos primeiros animais e a emergência gradual do homem a partir da natureza. Em outras palavras, a descendência animal dos homens, um dos fundamentos de sua concepção de mundo. Familiarizado com esta ideia, não causou surpresa a Vaihinger, as ideias defendidas por Darwin.

Platão é outra referência importante, as leituras do *Fedro* e da *República*, em especial, o “Mito da Caverna”, deram-lhe a visão de um segundo mundo, das “ideias” e do que ele iria defender como universo do *como se*, ficção indispensável para o Direito e todas as ciências, principalmente as exatas.

No outono de 1870, Vaihinger ingressa na Universidade de Tübingen, onde também estudaram o já citado Kepler, Goethe, Hegel, Hölderlin, Schelling, Edward Mörike, Friedrich Straub, Wilhelm Waiblinger, Friedrich Theodor Vischer, entre outros grandes nomes da ciência, da literatura, da filosofia e da teologia alemãs. Coursou inicialmente teologia, e só depois, filosofia, disciplina considerada por ele “princípio geral do ensino em todas as matérias” (*Id. ibidem*, p. 674).

¹⁶⁰ Na Idade Média, parte dos atuais territórios francês e suíço pertenceu à Suábia. Sua capital é Habsburgo.

No mesmo ano, participa, com outros seletos alunos, de grupo de estudos sobre a sintaxe latina, por meio da análise lógica, preparando terreno para seu futuro e fundamental estudo da partícula *como se*. Antes mesmo de ingressar na universidade, Vaihinger já tinha contato com outro grande nome da sua formação intelectual: Schiller – não podemos esquecer que o autor dos *Bandoleiros* fazia parte do seu círculo familiar – cujos poemas e tratados filosóficos estimulavam jovens ambiciosos como ele, em especial, sua teoria do impulso lúdico (*Spieltrieb*), princípio basilar da criação e do prazer artísticos, cerne da ação e intuição estéticas, bem como seu mundo das *formas puras* em contraposição ao empírico, complemento às ideias platônicas e fundamento da teoria da ficção de Vaihinger.

Vaihinger lembra, em texto citado anteriormente, que Tübingen era uma universidade bastante liberal. Nela eram concedidas, e ainda hoje se mantém o hábito, aos alunos, liberdade em sua formação, principalmente nos primeiros quatro períodos, com o estímulo ao desenvolvimento livre do pensamento: em sua época, estudou filosofia antiga, filosofia moderna (até Kant), filosofia moderna (de Kant a Hegel), Schleiermacher até a filosofia dogmática.

Neste ambiente aberto à produção e à reflexão por conta própria, Vaihinger encontrou o incentivo necessário para participar de seu primeiro concurso, promovido pela Faculdade de Filosofia, e sagrar-se vencedor¹⁶¹, com ensaio intitulado “As teorias mais recentes da consciência”, mais tarde, tema de sua tese de doutorado, defendida em agosto de 1874¹⁶², pela Universidade de Leipzig, aos vinte e um anos de idade, mesmo ano em que inicia seus estudos de Friedrich Albert Lange, Charles Darwin, Spinoza, Arthur Schopenhauer (ignorado e desaprovado nos centros acadêmicos) e, em especial, Immanuel Kant, de quem aprofunda a questão do *como se*, já insinuada em Platão, e intimamente ligada às contradições do pensamento humano e à limitação do conhecimento à experiência.

Dos filósofos gregos, os que se debruçaram sobre a natureza causaram bastante impacto em Vaihinger, pela relação destes com a teoria da evolução em voga na época.

¹⁶¹ O prêmio foi uma viagem à Suíça. O trabalho apresentado o leva a trocar o curso de teologia por filosofia.

¹⁶² Nesse mesmo ano, alista-se no serviço militar, mas é liberado por problemas de miopia.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Aristóteles é outro importante nome a ser lembrado, no entanto, Anaximandro é ainda mais edificante. Sobre ele, Vaihinger realizou um trabalho inacabado, “Anaximandro e nenhum fim”.

Se este não foi finalizado, muitos outros o foram, além de outras realizações bem sucedidas, homenagens concedidas e até traduções: já doutor, em 1875, publica sua primeira monografia – *Goethe como ideal da formação universal (Goethe als ideal universeller Bildung)*; nos anos de 1875/1876 lança o livro *Hartmann, Düring e Lange. Um ensaio crítico sobre a história da filosofia alemã no século XIX*; entre 1876 e 1877, conclui sua *Habilitationsschrift* – habilitação obtida após o doutorado, que exige do candidato uma nova tese, avaliada por uma banca, similar ao processo de defesa de tese doutoral, obrigatória para a *Venia Legendi* (licença para lecionar) no sistema educacional alemão – com o trabalho “Investigações lógicas, primeira parte: a teoria da ficção científica”, futura primeira parte da *Filosofia do como se*; em artigo escrito para a revista *Philosophische Monatshefte*, chamado “Eine Blattversetzung in Kants Prolegomena”, de 1879, aponta um erro na edição dos *Prolegómenos* de Kant – duas páginas foram trocadas.

Neste mesmo ano assina contrato com W. Spemann para realizar extenso estudo sobre a *Crítica da razão pura de Kant*, publicado em 1881, por ocasião do centenário da clássica obra; em 1884, depois de várias tentativas frustradas, torna-se professor extraordinário¹⁶³, pela Universidade Martin Luther, de Halle, no entanto, este título não o permite orientar teses; em 1892, com a saúde já bastante debilitada e com sérios problemas de dinheiro – agravados após a Primeira Guerra Mundial e durante a República de Weimar por conta de sua cegueira total – publica o segundo volume de seu trabalho, mediante a ajuda financeira da família de sua esposa.

Em 1894, finalmente é alçado à categoria de professor titular, embora receba como professor extraordinário; em 1896, funda, com recursos próprios, de outros filósofos, editores e empresários, a revista *Kant-Studien. Philosophische Zeitschrift*, uma das principais publicações aca-

¹⁶³ Tradutor de Vaihinger no Brasil, Johannes Kretschmer conta em sua introdução à *Filosofia do como se* que “na década de 1870, os neokantianos mais renomados de sua geração esperaram, em média, três anos e meio, contados a partir da concessão da *Venia Legendi*, para obterem o cargo de professor extraordinário e sete anos para que obtivessem uma cátedra. Vaihinger, entretanto, é sempre preterido. Espera sete anos para deixar de ser *Privatdozent* e 17 anos se passam até que a burocracia prussiana lhe conceda o título de professor catedrático (*Id. ibid.*, p. 26).

dêmicas da primeira metade do século XIX; em 1898, dedica-se aos estudos de Nietzsche, filósofo para quem dedicará um livro, *Nietzsche als philosoph*, de 1902, e parte d'A *filosofia do como se*; no início do século XX, em 1904, cria a *Kant-Studien*, a *Kantstiftung* e a *Kantgesellschaft*, esta última alcança, no ano de 1921, o número de cinco mil sócios, tornando-se com isto a maior associação filosófica do mundo.

Em 1906, aposenta-se por conta da cegueira e se dedica a publicação de suas análises. Finalmente, em 1911, embalado por sua descoberta de Nietzsche, ainda no século anterior, publica, pela primeira vez, *A filosofia do como se*, um monumental tratado filosófico, de oitocentas páginas, no seu original alemão (*Die philosophie des als ob*); em 1919, tendo como modelo Albert Einstein, Vaihinger funda os *Anais Filosóficos*, uma série de publicações sobre a problemática do *como se*, editada também no ano seguinte¹⁶⁴.

Em 1920 organiza o primeiro congresso em torno do *como se* – Congressos sobre o *como se* – em Halle, onde são discutidos entre outros assuntos, a teoria da relatividade, recém-descoberta por Albert Einstein, com a qual Vaihinger via pontos de similaridade com a sua própria teoria da ficção; neste mesmo ano, é fundada, em Berlim, a *Sociedade dos Amigos da Filosofia do como se*.

Em 1921, com o propósito de divulgar sua obra, publica artigos em jornais, nos quais reflete acerca do caráter prático e cotidiano do *como se*; entre 1921 e 1932, dirige uma coleção de monografias acerca da presença da ficção na área científica – *Contribuições para uma Filosofia do Como Se*.

Em 1924, em comemoração aos duzentos anos de nascimento de Kant, a Universidade de Königsberg, outorga-lhe o título de *Doutor honoris causa med*; em 1925, C. K. Ogden traduz pela primeira vez *A filosofia do como se*, nos Estados Unidos, outras traduções, porém, somente em 1967, na Itália, em 2001, na Romênia, e mais recentemente, no Brasil, em 2011.

Em 1930, os *Anais da Filosofia* foram editados pela Sociedade Ernst Mach, com outro nome *Erkenntnis*, e Vaihinger esquecido. Produzida até 1944, com intervalos, a *Kant-Studien*, no ano de 1941 passa para

¹⁶⁴ No primeiro ano, Vaihinger institui o prêmio Einstein para o melhor trabalho.

o controle de Raymundt Schmidt, importante colaborador de Vaihinger que, em 1933, torna-se membro ativo da NSPDA e, em 1940, da SS.

Seu antigo editor, Arthur Liebert, é forçado a renunciar por ser judeu, parte para Belgrado e funda, em 1936, uma nova *Sociedade Kant*, a *Philosophia*. Kretschmer descreve em seu prefácio à obra de Vaihinger as nefastas operações de Himmler e da SS na revista criada e fundada por Vaihinger: a sua instrumentalização por meio da chamada “Comunidade Científica Herança dos Antepassados Alemães”.

Descrita por Friedrich Albert Lange, professor de Vaihinger, como “a pedra de toque da teoria filosófica do conhecimento” (*Idem ibidem*, p. 24), *A filosofia do como se*, ainda quando seu pupilo realiza suas pesquisas em torno do tema, a afirmação de Lange não será esquecida por Vaihinger, esta será transcrita, logo abaixo do título, em quase todas as suas edições. Ao todo, o livro de Vaihinger teve dez edições, entre 1911, a primeira, e 1986, a última.

Na primeira publicação, escrita quando o filósofo tinha apenas vinte e cinco anos de idade, ele não se apresenta como autor, mas sim, organizador. Se assim agiu, comenta no prefácio à segunda edição, de 1913, já na flor dos seus sessenta anos, foi “com funda e justa razão”. Havia naquela “as imperfeições da obra da juventude”, apesar do que ele chama de “vigor e coragem” de um “jovem impetuoso” (*Idem ibidem*, p. 69).

Coragem foi o que muitos não viram no seu gesto. No entanto, não foi covardia o afeto que o moveu, mas antes, o fato de sua “Primeira Parte” ter sido escrita muito rapidamente no inverno de 1876/ 1877, embora tenha se ocupado com as ideias ali contidas durante vários anos. Quais ideias eram essas? Resumida e basicamente, a percepção de que as ciências, em especial, as exatas, trabalham com ficções, tal qual a religião, que tem em Deus, a mais alta de todas.

Por ficção, entenda-se, todas as ideias nascidas das necessidades intelectuais e éticas, úteis e valiosas para a humanidade, pois, sem elas, o pensamento, os sentimentos e as ações do homem perderiam vigor, assim como não lhe seria possível desenvolver uma visão objetiva do mundo. Para Vaihinger a ficção não representa um obstáculo à razão; ao contrário, ela é artifício produtivo, sem o qual as ciências não cumpririam boa parte de suas finalidades.

Escrita e defendida no século XIX, a concepção ficcionista de Hans Vaihinger encontra ecos ainda hoje, no século XXI. Em *A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang* (2001), o astrofísico e cosmólogo brasileiro, mundialmente conhecido, Marcelo Gleiser, é muito claro: “existe poesia na física”.

Ainda nos seus termos, a física é “uma experiência profundamente humana da nossa reverência à beleza da natureza. Física é, também, um processo de autodescoberta de “pró-cura”” (GLEISER, 2001, p. 13). Foi justamente com imaginação, continua, que o homem “confrontou e continua a confrontar o mistério da natureza: belas metáforas e um riquíssimo simbolismo cruzam as fronteiras entre ciência e religião”. (*Idem ibidem*, p. 11)

Hayden White, historiador norte-americano, autor do já clássico *Metahistory: the historical imagination in nineteenth-century Europe* (1973), no qual trabalha a relação entre história e literatura, para o autor a origem da história e literária, identifica a mesma mecânica no processo de formação das representações históricas: é por meio da linguagem figurativa que estas são moldadas, sendo a metáfora o seu tropo metodológico principal. Se para Gleiser a física é poesia, para White, se há um elemento histórico em toda a poesia, há igualmente um elemento poético em todo relato histórico.

Em “O Texto Histórico como Artefato Literário”, um dos artigos que compõem *Trópicos do discurso* (1994), outra obra sua consagrada, observa com acuidade: “A narrativa histórica não *imagina* [itálico nosso] as coisas que indica; ela traz à mente imagens das coisas que indica, tal qual como o faz a *metáfora* [itálico nosso]” (WHITE, 1994, p. 108). Trata-se, portanto, como segue White em sua explicação,

obviamente, de uma *ficção* do historiador a suposição de que os vários estados de coisas que ele constitui na forma de começo, meio e fim de um curso do desenvolvimento sejam todos “verdadeiros” ou “reais” e que ele simplesmente registrou “o que aconteceu” na transição da fase inaugural para a fase final [...] construções poéticas dependentes da linguagem figurativa. (*Idem ibidem*, p. 115)

Configura-se assim, aquilo que Hayden White chamou aspecto mimético e metafórico das narrativas históricas, a saber: a história não é uma cópia fiel do evento real, mas o *resultado* do esforço do historiador em organizá-lo e contá-lo de modo inteligível; ela é criação a partir de uma singularidade própria dos documentos, e que *inspirou* o historiador a plasmar um modelo próprio de análise; suas afirmações menos confir-

mam do que *sugerem* como os eventos históricos aconteceram. Ou seja, o historiador evoca imagens, forma outras originais, e cria outras também inéditas.

Na perspectiva de White, a história consegue parte de seu efeito explicativo graças à capacidade humana de criar estórias a partir de relatos verídicos. Operação por ele chamada “urdidura do enredo”, i.e., a projeção ou deslocamento do real para a esfera do ficcional. Lembrando aqui, o sentido primeiro, o mais usual em latim do termo *ficção* (*fingere*): moldar, plasmar, criar.

Sendo assim, os acontecimentos históricos são *convertidos* em estória (assim mesmo com “e”, uma vez que narrações urdidadas) por meio de um conjunto de procedimentos: supressão, subordinação, realce, caracterização, repetição de motivos, variação de tom e de ponto de vista, representações alternativas mutuamente exclusivas dos mesmos eventos e igualmente plausíveis para o público.

Para Hans Vaihinger, física, matemática, química, direito, economia, política, sociologia e a própria filosofia também recorrem às ficções constantemente – a formulação do modelo do átomo; o ponto sem extensão e o infinito; a noção de ordem; o egoísmo como a mola propulsora do comportamento humano¹⁶⁵ – mesmo sabendo da natureza arbitrária de tais conceitos. Os cientistas, como os historiadores¹⁶⁶, os escritores (e qualquer um de nós) determinam as pressuposições teóricas que guiam a sua prática.

As ficções científicas são artifícios que ajudam a concretizar algo que na prática seria impossível. São bem-vindas, desde que comprovem sua utilidade e justificação: a ficção deve ser sempre conforme a um fim. Seu valor é menos epistemológico do que prático. Isto é, aos olhos de Vaihinger, o “mais notável”: “somos felizes e temos êxito com esse conceito falso; sem ele não cumpriríamos tão bem o nosso objetivo, ou melhor nem sequer alcançariamos o que nos propomos” (VAIHINGER, 2011, p. 87). O pensamento não pode avançar sem ele, acredita Vaihinger,

¹⁶⁵Pressuposição de Adam Smith.

¹⁶⁶ Para Hayden White a história não se faz sem ficção, é sua condição. Dizer que a escrita da história é ficção, não implica vê-la como relato enganoso, acrítica, mas como configuração necessária. É neste sentido que História e Literatura são compatíveis e comparáveis.

mesmo que reconheçamos, teoricamente, [as] ficções como tais, elas permanecem, de um ponto de vista prático, elementos necessários para o nosso pensamento. O pensamento as gera, com necessidade, a partir de sua própria natureza, e, concomitantemente, em face de seu método instintivo e engenhoso que lhe é peculiar, produz as contradições assim dadas. O próprio pensamento atua, por assim dizer, nós com os fios oferecidos pela experiência. Os nós auxiliam o pensamento, mas também o enlaçam quando são tomados por algo que a experiência contém em si como objetivo – quando na verdade são apenas constructos subjetivos auxiliares. (*Idem ibidem*, p. 300)

Neste cenário, a ficção é produção e produto lógico por excelência (*operação mental intencional*) que permite ao cientista (no caso de White, ao historiador) calcular o real, “controlar” a imaginação e organizar o caos mental. Ou, como White, preferiria dizer, e Vaihinger não discordaria, transformar os fatos em ficção. É este processo que Adam Smith realiza ao analisar o homem por meio da ficção do egoísmo, e com ele comete um grande equívoco, no entender de Vaihinger: “factualmente o egoísmo não é a única fonte das ações humanas. Quando aplicamos as leis deduzidas dessa ficção à realidade concreta, precisamos depois compensar a diferença” (*Idem ibidem*, p. 266).

Por isso, dizemos que todos os relatos não são apenas fictícios, mas também provisórios e inacabados. São tais urdiduras constantes de enredo em torno de um mesmo tema que fazem das afirmações científicas (o mesmo pode ser dito das representações históricas) operações literárias.

Citando Vaihinger, “há, *como se sabe*, uma série de ideias que foram necessárias para épocas anteriores (destinadas a certas finalidades) e “das quais uma época mais esclarecida se libera por completo” (*Idem ibidem*, p. 295). Ou não, como o princípio de soberania, criado a partir da Paz de Westfália, de 1648, que põe fim à Guerra dos Trinta Anos, e também instaura os estados nacionais modernos, ainda hoje tema de debates, em especial no tocante à sua eficácia, na prática, as soberanias não são iguais, portanto, dependentes de poderes soberanos mais fortes; e ao sentido do conceito em si, afinal, vivemos num cenário mundial no qual os problemas desconhecem fronteiras e os Estados simulam dificuldades em resolvê-los.

Parafraseando Hayden White, a suposta concretude e acessibilidade dos meios históricos e científicos, são eles próprios produtos da capacidade fictícia dos pesquisadores que os estudaram. Tais métodos, objetos e conjunto de elementos materiais verificados não são menos opacos do que os textos estudados pelo crítico literário. A opacidade neles

figuradas é aumentada pela produção das narrativas históricas e das afirmações científicas, que quanto mais são elaboradas menos esclarecem a respeito do que buscam comprovar. Vaihinger é enfático:

O mundo de representações, conforme supúnhamos e achávamos, é subjetivo em suas formas; real é só o imutável e o observado, ou seja, subjetivos são os moldes que emprestamos ao que percebemos; o *subjetivo é fictício*; o *fictício é incorreto*; o *incorreto é um erro*. A ciência visa transformar o mundo das representações, tal qual é geralmente chamado “verdade” e resulta daquele esforço da ciência, é apenas o erro mais conforme aos fins, isto é, um mundo de representação que melhor nos põe em condições de agir e calcular com um máximo de rapidez, elegância e segurança e com um mínimo de elementos irracionais. Os limites entre verdade e erro são, portanto, deslocáveis, à semelhança do que ocorre com todos esses limites [...] A verdade é tão somente o grau mais conforme aos fins do erro e este o grau menos conforme aos fins da representação, da ficção. Chamamos o nosso mundo de representações do verdadeiro quando nos faculta melhor a objetividade e de agir nele. (*Idem ibidem*, p. 264-265)

Há de se destacar um dado importante: Vaihinger identifica diferentes tipos de ficção: estas se caracterizam por serem expressões psíquicas, ou seja, relativas à esfera mental dos indivíduos, do conjunto de conteúdos da sua consciência e dos estados que estão na base de sua experiência subjetiva e de comportamento e têm uma ligação mais ou menos consciente com a percepção, o pensamento, a lembrança, a sensibilidade, a motivação e a ação.

A psique os tecem, a partir dela mesma (é criativa) e motivada pela necessidade, assim como estimulada pelo mundo externo (sempre hostil e contraditório) descobre a reunião de riquezas e coisas úteis que há nela, obrigando-se, dessa forma, para fins de sua própria sobrevivência, procurar todos os possíveis meios, tanto interna como externamente. Nas palavras de Vaihinger: “esta lei de equilibrar tensões psíquicas não só dominam a lei especial do deslocamento de ideias, mas também uma boa parte de todo desenvolvimento intelectual; e, à semelhança de todas as leis naturais, opera para o bem ou para o mal, conforme as circunstâncias” (*Idem ibidem*, p. 299).

Difícil não pensar em Nietzsche. Bebendo nas águas deste, Vaihinger postula: “para a arte, como para a vida, a aparência e a ilusão de que esta ilusão para o homem superior, é e deve ser uma ilusão consciente” (*Idem ibidem*, p. 635). Inicialmente uma tortura, logo, a dor de todo homem depender de representações delirantes, torna-se um círculo vicioso. Estamos afirmando com Nietzsche que o homem precisa de ilusão, ele a deseja. É só na aparência mais alta que a grandeza deste reside, pois

só na amplitude deste substantivo ele pode ser criador. E a criação passa impreterivelmente pela metáfora. Reproduzindo Nietzsche, Vaihinger enuncia:

Nosso intelecto opera com símbolos conscientes, imagens e figuras retóricas, com “abstrações grosseiras e insuficientes”, com metáforas: tempo, espaço e causalidade não são senão metáforas favoritas. Assim “vivemos e pensamos completamente sob os efeitos constantes do não lógico, no âmbito da ausência de saber e do saber do falso [...] “A formação de metáforas é o instinto básico do homem. Este impulso artístico, designado simplesmente “instinto mítico”, assim o conduz a criar construções falsas também no campo da teoria do conhecimento. Em princípio, estas são geradas de forma inconscientes, entretanto, “para o intelecto liberado”, são meios auxiliares consciente: “armaduras”. (*Idem ibidem*, p. 638-639)

Está em questão, para os dois autores, a noção de verdade. Vaihinger, mais uma vez menciona Nietzsche: “minha filosofia é um platonismo inverso: quanto mais se distancia da realidade verdadeira, mais pura, mais bela, melhor ela se torna [...] para concluir como este: “a aparência não deve ser mais lamentada e combatida, mas a aparência, à medida que prova ser útil e valiosa, e ainda impecável esteticamente, deve ser afirmada, desejada e justificada”. (*Idem ibidem*, p. 667)

Sobre o tema da verdade, pergunta Nietzsche, em *O livro do filósofo* (1987), “o que é a verdade?” Para ele mesmo responder,

Uma multiplicidade incessante de metáforas, de metonímias, antropomorfismos, em síntese, uma soma de relações humanas que foram poética e retoricamente elevadas, transpostas, ornamentadas, e que após um longo uso, parecem a um povo firmes, regulares e constrangedoras; as verdades são ilusões cuja origem está esquecida, metáforas que foram usadas e que perderam a sua força sensível, moedas nas quais se apagou a impressão e que desde agora não são mais consideradas como moedas de valor, mas como metal (NIETZSCHE, 1987, p. 69).

A ficção (ou as ficções) não só tem positividade, como também são libertadoras, pois é o homem o responsável pela criação de suas ficções úteis. Embora Vaihinger desconsidere a literatura em seus estudos acerca da ficção, a época em que vivia explica a indiferença – profundamente marcada por mudanças econômicas, políticas, sociais, culturais e uma notável reforma e expansão dos sistemas científicos – ela explica com precisão o que é a ficção literária, que carrega uma vantagem sobre as demais áreas do saber, pode assumir-se como tal, ser plasmação consciente de uma mentira, que explica melhor a história do que a própria história.

Karlheinz Stierle, em *A Ficção*, é muito claro a esse respeito: ficção ou o gesto original do *fingere* ; criação do mundo já formado a partir da ausência de forma originária, portanto, ato formativo; ficção ou o meio pelo qual o homem pode se experimentar como uma estranha imagem vinda à vida, cujo movimento bidimensional produz nele uma dupla ilusão – da forma real e da forma real de um outro; conscientemente a serviço do engano; ficção ou o engenho da força criativa; ficção ou a máxima intensificação do imaginário; ficção ou artifício e simulação de figuras.

Para Stierle, o *locus classicus* do conceito de ficção é a *Metamorfoses* de Ovídio. Algumas de suas passagens são reveladoras: “Ele mestre das coisas, *criador do mundo melhor*” (STIERLE, 2006, p. 13); “É assim que a terra, outrora rude e informe, se *modelou* em figuras novas de seres humanos” (*Idem ibidem*); “Cria a pura mão do poeta/A água será *plasmada*” (*Idem ibidem*, p. 14); “Julga ser corpo o que é *sombra*” (*Idem ibidem*); “Aproximem-se de Alcione e *simulem* (os traços do rei) sob o aspecto de um *náufrago*” (*Idem ibidem*); “Disse e *modelou* uma aparência de javali, irreal e sem corpo” (*Idem ibidem*, p. 15); “E compreendeu *servir-se* de suas astutas palavras”. (*Idem ibidem*, p. 16)

Na ficção do poeta, no seu ato de poetar como ato próprio do fingir se conjugam em unidade mental todas as dimensões da criação estética: a plástica, a imagem, a artesanaria, a música, a fala¹⁶⁷. Para Vaihinger, contudo, o alcance da atividade fictícia não é exclusivo da literatura. Sua posição é compreensível, afinal, seu objetivo era provar que as ciências, sobretudo as exatas, precisam operar com ficções para descreverem o real. Físicos, astrofísicos, astrônomos da atualidade não o negam; ao contrário, confirmam. Como exemplos podemos citar os conceitos de matéria e energia escuras: a *metáfora* refere-se menos à cor do que ao que se esconde no escuro; ao *desconhecimento* do que elas sejam do que necessariamente a sua *revelação*.

Desvendá-las significa empreender uma viagem ao lado escuro do universo, da sua caça para tentar compreendê-lo e a seus elementos constituintes. Tanto uma como a outra, são presenças invisíveis em toda a parte do cosmo, pelo menos é nisso que os astrônomos, cosmólogos, astrofísicos acreditam, a ciência ainda não provou diretamente a sua exis-

¹⁶⁷ Hayden White chamou a essa conjunção “fusão das consciências mítica e histórica”.

tência, pesquisas ainda estão em curso, no momento há muitas suspeitas, porém nenhuma resposta.

Uma das razões para essa ausência é o fato de não emitirem luz tampouco a absorverem.

Contudo, ainda que não possam ser vistas, elas existem, e há evidências de que tem seu lugar no espaço (até em maior quantidade do que a matéria iluminada).

No caso da matéria escura, esta foi observada apenas indiretamente e jamais captada. Só em 1920, com as novas tecnologias da época, foi possível analisar com mais propriedade as faixas embaçadas detectadas por telescópios com menor capacidade de resolução, na verdade, galáxias separadas que se moviam muito rapidamente, incompatível com a quantidade de matéria iluminada vista.

Algo mais afetava o seu movimento. Em 1933, o astrônomo suíço, Fritz Zwicky (1898-1974), deu a esse “algo mais”, o nome de matéria escura ou matéria faltante, que acaba por dar-lhes estabilidade, manter sua rotação constante e integridade.

O nome deriva justamente da falta de conhecimento acerca do que ela era e da sua presença não visível. Se não se pode vê-la, foi possível mapeá-la a partir do deslocamento que ela provoca na luz quando a atravessa. O meio técnico utilizado foi a chamada “lente gravitacional”, i.e., um foco de luz virtual que põe à vista qualquer coisa invisível no universo.

Seu funcionamento ocorre da seguinte forma: ela desvia o foco de luz, e esta por sua vez, pode mudar seu caminho por meio da matéria escura. Ao revelar o deslocamento da luz, a lente gravitacional indicava a concentração de matéria escura no halo das galáxias. Ainda assim, não é possível vê-la, apenas divulgar a sua existência: a distorção da luz é o desenho de sua existência.

No tocante à energia escura nenhuma linha pode ser traçada. Chama-se energia escura, a força que aumenta a expansão e aceleração do universo, domina a gravidade, cria espaços entre as galáxias, e as leva com ela para cada vez mais longe enquanto o espaço se torna cada vez maior. É uma propriedade do espaço que os físicos, cosmólogos, astrônomos e a astrofísicos ainda não entendem. E os levou a mudar todas as suas conjecturas e admitir publicamente que erraram, ao contrário do que comprovavam com seus estudos: o universo não desacelerou, oposto a is-

to, alagar-se cada vez mais. Deslindar os seus mistérios é descobrir o próprio destino do universo.

Curiosamente, o propositor da teoria energia escura, Albert Einstein, que também a chamou de “constante cosmológica”, i.e., uma energia constante que equilibraria o universo, rechaçou seu próprio ponto de vista, taxando inclusive de ser o seu maior equívoco, aquela que já vem sendo uma das maiores descobertas do século XXI, bem como a força prevalecente no universo.

O “erro de Einstein” então como a maior descoberta dos últimos tempos. Ratifica-se todo o esforço de Vaihinger: o pensamento conceitual são operações que não correspondem à realidade; certos erros podem ser necessários; errar representa a condição da vida, e isto não tem nada de penoso; ao contrário, é preciso amar e cultivar o erro.

A partícula *como se* representa para Vaihinger o meio linguístico que permite associar ideias, realizar a atividade ficcional, das mais simples e insignificantes às mais complexas e difíceis: pela comparação ou analogia o *como se* força a identidade de elementos não idênticos, ou seja, uma vez formadas, as ficções substituem um dado real por um irreal, criando assim a ilusão da compreensão. No *como* é expresso o momento comparativo, e no *se* é estabelecida a pressuposição impossível.

Tradutor da obra de Vaihinger no Brasil, Johannes Kretschmer, toma como exemplo do *como se* e de seu funcionamento uma passagem de *O terremoto no escuro*, de Heinrich von Kliest: “e o encontrou aqui, o amado, no vale, e a felicidade, *como se* o vale fosse o jardim do Éden”. Intercalada a frase ficaria assim: “e o encontrou, o amado, no vale, e a felicidade, *como* esta seria *se* realmente existisse o vale do Éden”.

O exemplo mostra a chave da compreensão da ficção e da partícula pela qual ela se manifesta: a comparação de uma coisa com as consequências de um caso impossível ou irreal. A mecânica do *como se* pode ser entendida da seguinte forma: imagina-se a existência de uma coisa, no exemplo dado o Paraíso; dessa existência imaginada se inferem as suas consequências (no modelo dado, um mundo pacífico, solidário, feliz e prazeroso), impossíveis de existirem na realidade, mas mesmo assim, objetos de comparação.

Em resumo, o *como se* torna elementos não idênticos, idênticos; forma ficções que substituem o real pelo irreal; e com isso a ilusão da

compreensão. Para Vaihinger, a compreensão também é uma ilusão, portanto, ficção.

Vaihinger aproxima-se também de Schopenhauer para quem o papel original do pensamento é servir apenas à vontade, como meio para as finalidades desta – somente no curso da evolução se emanciparia para tornar-se finalidade em si. Com Schopenhauer, Vaihinger confirma a sua teoria de que o meio original, a serviço de determinada finalidade, tende a ganhar independência e tornar-se finalidade em si mesma. Kant é outro com quem Vaihinger dialoga, em especial no tocante ao primado do prático – o prático, a ação tem primazia (o primado da razão prática) – e da teoria da seleção de Charles Darwin, seleção do mais útil, colocada como “luta pela existência”. Sobre estes autores declara:

A teoria da evolução de Darwin, elaborada ao mesmo tempo [que a de Schopenhauer], me possibilitava compreensão fundamental da realidade. A teoria schopenhaueriana de que, em sua origem, o pensamento seria meio dependente dos fins da vontade de viver, tendo se transformado em finalidade em si, harmonizava-se com a tese kantiana de que o pensamento humano estaria sujeito a determinados limites e de que o conhecimento metafísico lhe seria impossível. Esta delimitação do conhecimento humano à experiência, tantas vezes realçada por Kant, não parece mais deficiência deplorável do espírito humano; agora se revela consequência necessária e natural do fato de serem pensamento e conhecimento originalmente só meios para a finalidade da vida. (*Idem ibidem*, p. 681-682)

Pelo aqui exposto, podemos sintetizar o que é a ficção e o *como se* para Vaihinger:

1. o pensamento é um meio na luta pela existência, portanto, uma função biológica.
2. o mundo do *como se*, o mesmo que dizer, o mundo irreal, é tão importante quanto o mundo o real.
3. o que chamamos real é constituído por nossas sensações, estas se impõem a nós e não podem ser negadas.
4. é completamente impossível viver sem construções auxiliares, i.e., sem ficção.
5. há positividade na ficção: Vaihinger se opõe a uma concepção tradicionalmente negativa da mesma.
6. a descoberta de ficções sabidamente falsas ajuda a desenvolver uma percepção mais objetiva do mundo.

7. o *como se* está presente na vida cotidiana: são essenciais para o convívio social.
8. o alcance da ficção é amplo e não exclusivo à literatura, embora possibilite uma leitura renovada da ficção no seu domínio.
9. a aparência, o conhecimento falso desempenha papel fundamental na ciência, na concepção de mundo e na vida, em diferentes graus de intensidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KISSINGER, Henry. From Universality to Equilibrium: Richilieu, William of Orange and Pitt. In: _____. *Diplomacy*. New York: Simon & Schuster, 1994.

KOYRÉ, Alexandre. *Du monde clos à l'univers infini*. Paris: Gallimard, 1973.

KRAUSS, Lawrence M. *O mistério da energia escura*. Trad.: Ana Sampaio. Disponível em: <<http://www.gazetadefisica.spf.pt/magazine/article/423/pdf>>. Acesso em: 10-09-2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *O livro do filósofo*. Trad.: Ruben Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

NORTENHOS. Disponível em: <<http://nortenhos.weebly.com/histoacuteria.html>>. Acesso em: 20-09-2014.

SOUZA, Fernando de. *Dicionário de relações internacionais*. Lisboa: Cepese, [s/d.].

STIERLE, Karlheinz. *A ficção*. Trad.: Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Caetés, 2006.

THE Biography. Disponível em: <<http://thebiography.us/en/vaihinger-hans>>. Acesso em: 15-10-2013.

TUBINGEN. Disponível em: <<http://homepages.uni-tuebingen.de/gerd.simon/chrvai.pdf>>. Acesso em: 15-10-2013.

VAIHINGER, Hans. *A filosofia do como se*: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista.

Trad.: Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos, 2011.

VIANA, Pedro. *O enigma da matéria escura*. Disponível em:
<http://www.oal.ul.pt/oobservatorio/vol5/n2/vol5n2_7.html>. Acesso
em: 18-09-2014.

WHITE, Hayden. *Metahistory: the historical imagination in nineteenth-century Europe*. Baltimore/London: John Hopkins University, 1973.

_____. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.